

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 27/09/2020.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

LUIS FELIPE CARNEVALLI DA SILVA

**DO “NEOLIBERALISMO” AO “NEODESENVOLVIMENTISMO”: AS
REPRESENTAÇÕES SOBRE AGENDA MACROECONÔMICA DO
GOVERNO LULA
(2003 - 2010)**

FRANCA

2019

LUIS FELIPE CARNEVALLI DA SILVA

**DO “NEOLIBERALISMO” AO “NEODESENVOLVIMENTISMO”: AS
REPRESENTAÇÕES SOBRE AGENDA MACROECONÔMICA DO
GOVERNO LULA
(2003 - 2010)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura Política.

Orientador: Prof^o Dr^o Marcos Sorrilha Pinheiro

**FRANCA
2019**

Silva, Luis Felipe Carnevalli da
S586 “Do “neoliberalismo” ao “neodesenvolvimentismo” : As
representações sobre a agenda macroeconômica do
governo Lula. (2003-2010) / Luis Felipe Carnevalli da
Silva. -- Franca, 2019
138 p. : tabs.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais,
Franca
Orientador: Marcos Sorrilha Pinheiro
1. História Política. 2. “neoliberalismo”. 3.
Neodesenvolvimentismo. 4. Partido dos Trabalhadores. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUIS FELIPE CARNEVALLI DA SILVA

**DO “NEOLIBERALISMO” AO “NEODESENVOLVIMENTISMO”: AS
REPRESENTAÇÕES SOBRE AGENDA MACROECONÔMICA DO
GOVERNO LULA
(2003 - 2010)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura Política.

Orientador: Prof^o Dr^o Marcos Sorrilha Pinheiro

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____
Prof. Dr. Marcos Sorrilha Pinheiro (Unesp/Franca)

Membro Titular: _____
Profa. Dra. Rita de Cássia Biason

Membro Titular: _____
Prof. Dr. Cássio Garcia Ribeiro Soares da Silva

Franca, 27 de setembro de 2019

Agradecimentos

Agora que me vejo diante do iminente fim de minha trajetória na UNESP-Franca, lembrei-me do dia em que meus amigos me levaram para conhecer o litrão por R\$2,70... Daí em diante, seguiram os agradecimentos àqueles que em algum momento compartilharam um pouco do seu tempo comigo, me fazendo entender o tamanho da saudade que há neste instante. Seguindo os agradecimentos:

Ao apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Aos professores Clayton Romano e Rita Biason por todo apoio e ajuda durante a qualificação. As recomendações serviram para ajustar prontamente o trabalho.

Ao professor Cássio, um exemplo como orientador. Obrigado por ter me ajudado no início deste trabalho, por ter me apoiado numa empreitada que parecia longe de existir. Sua presença e paciência foram fundamentais para o início desta etapa.

Sempre, e sem qualquer sombra de dúvidas, aos meus pais, Edna e Reginaldo. Vocês fizeram do meu sonho, o objetivo de vocês, e a realidade concretizou todo esforço para que eu possa escrever estas palavras hoje. Se neste instante eu sei o peso da minha profissão e a exerceo com dedicação e carinho, é por conta do exemplo que sempre me fazia sombra quando as coisas pareciam difícil. A vocês todo amor que cabe em mim. Muito obrigado!

Aos meus tios, Luciana e Everson, e minha prima, Lauane. Obrigado por me acolherem nessa Franca que me pareceu tão solitária no começo da trajetória. Vocês são, e serão para sempre, parte importante da minha vida. Deixo também meu agradecimento a toda a família que me abraçou nesses anos, representados pela matriarca, Dona Maria. Vocês são sensacionais. Obrigado por me aguentarem! Amo todos vocês!

Ao André e ao Leandro, amigos de estrada! Agradeço de todo meu coração por toda ajuda e por me ensinarem o que é um pneu 165/70/14. O caminho Franca-Mogi sempre foi um espaço de muito aprendizado. Obrigado por tudo!

Ao Cris, por toda ajuda e amizade. Suas orientações são imprescindíveis para este trabalho. Muito obrigado!

Aos meus amigos desta longa vida: Vinícius, Ikaro, Costinha, Renan, Nelsinho, Calefi, V. Fera e Relâmpago Marquinhos, obrigado! Obrigado por toda alegria, ousadia e companheirismo. Vocês são únicos! Me desculpem se em algum momento não estive presente e não os pude retribuir tudo que me deram, cabe a mim apenas lembrá-los que não há nada no mundo que me impeça de dizer o quanto os amo. Todo sucesso a nós!

Ao meu time de coração: Cachaça Dortmund. Quero agradecer a todos os jogadores desta equipe maravilhosa, por me incentivarem a faltar às aulas para jogar bola e ter um pouco de diversão em meio ao turbilhão de coisas que aconteciam na universidade. David, Maverick, Parreira, Churros, Henrique, Hermione, Renato, Woody, Matheus e Gallo, podemos não ter sido o melhor time dessa Unesp (afinal, perdemos sempre), mas ninguém há de se esquecer: ELES SÃO BOM, MAIS NÓIS É RUIM! Ter sido companheiro de vocês é algo que eu guardarei por toda vida. Obrigado!

À Natália. A mulher que me ajudou e continua me ajudando. Que me inspira todos os dias e que me conhece como ninguém. Como de costume, sua presença tão contínua me faz falta e, como disse o poeta: “A tua ausência é qualquer coisa como a luz e a vida”. O tamanho do seu amor se faz nesse trabalho, minha dedicação é reflexo de tudo que você já fez por mim! Minha gratidão eterna. Amo você!

Por último, aos meus amigos de moradia: Damas, Jaque, Bizu, Joselito, Dri, Meiri, Gabriel, Fabi, Monique, Hugo, Bronquite, Ângelo, Mil Grau e Bruninho. Dizer que eu poderia escrever um livro sobre o quanto eu amo vocês, seria uma mentira, mas eu confesso que nunca foi tão difícil escrever um parágrafo. Chegar em Franca e viver com vocês foi a experiência mais intensa da minha vida. De tudo, fica a saudade e a certeza de que vocês são como irmãos para mim. Dedico, ao menos, as últimas linhas àqueles que compartilharam momentos na eterna Só Monstrão comigo: Damas, obrigado por ter sofrido com o Verdão comigo; Jaque, obrigado por invocar espíritos que fechavam a porta de casa; Bizu, obrigado por ter me apresentado ao futebol unespiano; Meiri, obrigado por ter sido a culpada por acabar com a Fundap; Gabriel, obrigado por ter ido ao Pereira comigo; Joselito, obrigado por ter sido meu companheiro nas quintas da solidão; Hugo, obrigado por me ensinar a usar um extintor.

Foi uma honra!

SILVA, Luis Felipe Carnevalli da. Do “neoliberalismo” ao “neodesenvolvimentismo”: As representações sobre a agenda macroeconômica do governo Lula. (2003-2010). 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2019.

RESUMO

Desde o início do mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva várias propostas de interpretação de suas políticas vieram à luz, entretanto, no que corresponde às políticas macroeconômicas, dois pontos de vista são fundamentais, para compreender o Partido dos Trabalhadores sob uma perspectiva histórica. À priori surgiram análises que davam um foco maior acerca das políticas que, para alguns autores, eram neoliberais, todavia, com o apogeu destas críticas surgiram respostas que orbitavam sob o prisma de uma negação deste “neoliberalismo” nas políticas petista, reação que gerou a designação do partido como sendo neodesenvolvimentista. Fato é que a caracterização do PT tal qual despreendida de preceitos neoliberais, como uma das hipóteses desse trabalho, surgiu como uma tentativa de desvincular a legenda de qualquer coisa que ia contra suas bandeiras históricas. Logo compreender o papel exercido pelos atores que cunharam no PT a ideia de um partido que se afasta dos ideais do “neoliberalismo” é depreender como frentes intelectuais operaram a construção de uma visão sobre a legenda, legitimando-a diante de questões históricas que a precederam.

Palavras-chave: História Política. História das Ideias. Neodesenvolvimentismo. Neoliberalismo. Partido dos Trabalhadores. História do Brasil República.

ABSTRACT

Since the beginning of former president Luiz Inácio Lula da Silva's mandate, several interpretation proposals of his politics emerged, however, on what concerns the macroeconomics politics, two points of view are fundamental for understanding the "Partido dos Trabalhadores" under a historic perspective. First came to issue several analysis focusing politics which some authors considered "neoliberal"s, although with it's rise came replications that orbited the abnegation of the "neoliberalism on the party's politics, generating a designation of the party as neo-developmental. As a matter of fact, the characterization of PT as one disconnected from "neoliberal"s precepts, such as one of the hypothesis presented in this paper, emerged from an attempt of unlink the party from its historic ensign. Therefore, comprehend how the PT's founding actors constructed an idea of a party far from the "neoliberal"s ideals is mandatory for understanding how a mass of intellectuals built the way the party was perceived, besides it's history.

Key-words: Political History. History of Ideas. Neo-developmentism. Neoliberalism. Partido dos Trabalhadores. History of Brazilian Republic.

Lista de tabelas

Tabela 1 - Receita do governo federal em % do PIB.....	73
--	----

Sumário

Apresentação do trabalho	11
Primeiro capítulo: Desenvolvimentismo, partidos e a trajetória de formação petista.	17
1.1. Do desenvolvimentismo ao “neoliberalismo”.	17
1.2. O partido como espaço da luta ideológica: o caso do Partido dos Trabalhadores.	30
1.3. Do primeiro ao quinto encontro: o PT sobre si mesmo.	39
Segundo capítulo: Projeto em crise: críticas sobre a Agenda macroeconômica petista.	49
2.1. O PT entre a cultura política do petismo e ação política do lulismo.	49
2.2. Reflexões sobre o “neoliberalismo”lulista.	68
2.3. O discurso lulista endereçado aos empresários (ou início da contradição).	78
2.4. A ressignificação latino-americana do conceito de “neoliberalismo”.	82
Capítulo três: “Neodesenvolvimentismo” petista e o “neodesenvolvimentismo” teórico.	90
3.1. Entre o novo e o “neo”: novas abordagens sobre o desenvolvimentismo no Brasil.	90
3.2. A propaganda política enquanto moderação partidária, ou quando a classe operária não vai ao paraíso.	96
3.3. “Neodesenvolvimentismo”: Um discurso disruptivo, a luta pelo fim da continuidade.	100
3.4. A construção da “verdade histórica”. O que fica do governo Lula?	110
3.4. Políticas trabalhistas, industriais e econômicas em prol do novo-desenvolvimentismo.	115
3.4.1 - Políticas públicas, saúde e educação.	120
Conclusão	126
Referências Bibliográficas.	130

Apresentação do trabalho

Enquanto conceito, o “neoliberalismo” sempre aparentou estar bem definido no imaginário coletivo. Contudo, trabalhos recentes (como veremos ao longo do trabalho) demonstram como o que se aplica como sendo “neoliberal”, pouco se relaciona com a origem real do conceito, sendo, na realidade, atrelada a uma forma mais moderada do liberalismo clássico, onde o Estado deveria intervir nas relações entre agentes econômicos, ao mesmo tempo que não abandonaria o campo das políticas públicas. Ao longo dos anos, o que se imaginou como “neoliberal”, teve sua gênese muito relacionada ao Chile comandada por Pinochet e suas políticas repressivas, e com orientação voltada ao mercado. De certa forma, idealizada, o “neoliberalismo” seria a representação dos interesses burgueses em detrimento das políticas públicas que amparavam a classe operária. Dessa maneira, o “neoliberalismo”, ao longo da história de seu surgimento, nunca se destacou por uma precisão teórica no que concerne ao seu entendimento. Suas aplicações apresentam características difusas e de difíceis conclusões, mas, sem dúvidas, quase sempre são relacionadas a algum fundamentalismo de mercado.

O ideário político que se formou ao redor do “neoliberalismo”, define um Estado-mínimo, sem que este interfira nas ações dos agentes financeiros, garantindo autonomia aos atores econômicos para que atuem livres das amarras do Estado, uma vez que a intervenção deste na economia inibe o desenvolvimento da nação. Não obstante, a ideia de um Estado-mínimo, vinculada a ditadura chilena, parecem ter fortalecido a ideia do “neoliberalismo” como projeto antidemocrático, posto sua visão excludente quanto a atores importantes na lógica do trabalho, no caso, a classe operária.

Dessa forma, a origem do Partido dos Trabalhadores, como instituição política com o intuito de representar os proletários, assume uma postura de negação frente a esta ideia que respalda politicamente os interesses de uma elite econômica e política, excluindo do processo de atuação toda a sociedade civil. Na mentalidade do partido, há somente uma reprodução da lógica de mercado, onde os interesses trabalhistas são reprimidos por uma convivência do Estado em não intervir contra a democracia burguesa. O PT, dessa forma, sempre se posicionou contra a expansão “neoliberal” que se avizinhava na América Latina, após a experiência chilena.

O fim da ditadura militar no Brasil, também levou consigo toda uma estrutura de projeto de desenvolvimento no país, já que o nacional-desenvolvimentismo não encontrava mais espaço para erro depois de perder fôlego e ver o aumento exponencial dos números inflacionários na economia, levando ao reordenamento do seguimento macroeconômico nacional. Junto a isso, o enfraquecimento das políticas heterodoxas, parecem ter influenciado na chegada do “neoliberalismo” no Brasil durante os anos de 1990.

Assim, os governos de Fernando Collor de Mello, de Itamar Franco e de Fernando Henrique Cardoso, agiram como precursores do “neoliberalismo” em solo brasileiro. O receituário “neoliberal” apregoava um Estado enxuto, em vistas do equacionamento dos gastos nacionais. Sob este olhar, o país poderia focar seus esforços somente em setores primordiais como: saúde, educação e segurança. Relegando aos atores financeiros a ação apenas na esfera econômica. O corte em setores sociais parecia romper com a ideia de um Estado provedor do bem-estar social. Ao mesmo tempo em que os números das privatizações foram as maiores da história do país.

Apesar da aplicação das ideias neoliberais que foram se consolidando na nação, para além da rápida recuperação no início do Plano Real, a economia não apresentou forças para se manter em alta, o que culminou em um período de estagnação econômica, principalmente após a aplicação do tripé macroeconômico: estabelecimento de um superávit primário, câmbio flutuante e metas de inflação. Dito isto, a empolgação com a criação do Real – que garantiu a eleição e reeleição de FHC – não foi o suficiente para classificar a passagem “neoliberal” no Brasil como satisfatória, pelo contrário, o “neoliberalismo” foi duramente taxado pela oposição como um fracasso em atender as demandas da população brasileira.

A oposição que se construiu na esquerda política pôde se amparar no PT como ator no papel de antagonista em relação a situação econômica enfrentada durante todo este período. O PT apresentou-se durante toda sua existência – e em especial neste momento – como alternativa política frente aos dilemas neoliberais, assim, no campo discursivo reforçou seus ataques a tais práticas, tomando para si a responsabilidade de negar todos os projetos apresentados pela situação no Congresso. Dessa forma, o PT foi definindo a atuação “neoliberal” no imaginário coletivo, ao mesmo tempo que se reforçava como agente oposto ao conceito. Enquanto instituição o PT teve papel primordial na formação do que se concebe como “neoliberalismo” na opinião pública, mesmo que isso reduza o conceito como total oposição às ações petistas.

Logo, o Partido dos Trabalhadores ajudou a consolidar ideias negativas ao “neoliberalismo”, como políticas conectadas a classe empresarial, que quando compactuam com as instituições financeiras internacionais prestam-se a retrain os investimentos com gastos

sociais. Como situação oposta, ao PT interessou exibir-se com uma apresentação no qual o partido se ligou a um Estado intervencionista, preocupado com aplicações de políticas públicas que alteram a realidade social da classe trabalhadora, trazendo esta camada cada vez mais perto de um Estado democrático que acolhe, ao contrário daquele que isola. A imagem do “neoliberalismo”, junto a tudo isto que passou a carregar na América Latina, transfigura-se em algo pejorativo, que fracassa e não conclui o desenvolvimento desejado, imagem ideal ao PT que se consolidou, então, como negação ao conceito.

Dessa maneira, este trabalho baseia-se, então, no estudo dos conceitos de “neodesenvolvimentismo” e “neoliberalismo” em uma análise que compreende o período do início do mandato do ex-presidente Lula, até o seu final. O Partido dos Trabalhadores, desde seu surgimento em 1980, colecionou derrotas eleitorais no âmbito presidencial, tendo nos anos de 1989, 1994 e 1998, os momentos de seus fracassos. Foi apenas nas eleições de 2002 que, por meio de uma nova candidatura de Luiz Inácio “Lula” da Silva, a legenda venceu. Com o triunfo, Lula e outras lideranças do PT ousaram, dessa vez, fazer algo novo: o discurso combatente que outrora fazia parte dos enunciados petistas foi substituído por uma frente mais apaziguadora, com o intuito de atrair novos eleitores.

Nosso objetivo é analisar o surgimento do conceito “neodesenvolvimentismo” no léxico político petista, como uma resposta - e defesa - do partido diante das acusações de que o PT seria um dos reprodutores de políticas voltadas ao mercado, de que seria um partido “neoliberal”. Destacando como o conceito “neodesenvolvimentista” se relaciona como uma negação às práticas neoliberais.

Assim, para que nossas premissas se cumpram, daremos início ao nosso primeiro capítulo abordando as políticas desenvolvimentistas que foram o norte macroeconômico brasileiro até o fim do período da ditadura militar, visto que uma passagem por estas políticas irá nos auxiliar no melhor entendimento daquilo que se caracterizou por “neodesenvolvimentismo” petista. Abordaremos também como se deu a derrocada do desenvolvimentismo nas políticas econômicas do governo Sarney, a expansão de políticas mais fiscalistas e integradas à economia mundial, caracterizada como “neoliberal”, nos governos Collor e Cardoso, e como a exposição dessas políticas destaca o antagonismo petista, que enfrentava um conflito externo contra outros partidos no Congresso, posto as derrotas nas eleições presidenciais e sua condição de oposição. A imagem correlata entre ditadura e desenvolvimentismo, além do enfraquecimento do comunismo ao redor do globo, auxiliaram no fortalecimento do programa “neoliberal”, principalmente na América Latina. Após o

Consenso de Washington em 1990, no primeiro governo Collor, o Brasil pôde colocar em prática algumas premissas que norteavam tal agenda econômica.

O PT, que como veremos, nasceu, cresceu e se desenvolveu como partido antagônico a tais concepções, colocando-se como principal opositor ao crescimento das políticas ortodoxas no país. O discurso que foi se cristalizando, apresentava uma legenda totalmente desalinhada com o “neoliberalismo” que ajudou a alcinhar, ainda mais em sua posição de defensor dos trabalhadores e a imagem pró mercado e anti-trabalhista que carregava dito conceito. Além disso, apresentaremos uma reflexão sobre como se constituíam os partidos no período de surgimento do PT, seguindo uma literatura versada no tema, o que permitirá termos uma visão mais clara sobre a estrutura interna do Partido dos Trabalhadores, fato que nos conduzirá à última parte do capítulo, no qual realizaremos uma leitura, a partir das resoluções publicadas de encontros oficiais do PT, sobre o conflito interno que se acentuava no partido. Desse modo, chegamos ao grande mote do capítulo, onde observaremos um partido que, em meio aos fracassos obtidos nas eleições presidenciais, foi se afastando de um discurso mais radicalizado a respeito das estratégias políticas - fator que acentuou o conflito interno com alas ligadas a tal visão. Concomitantemente sofreu com a oposição externa a si mesmo, um embate que aconteceu no campo eleitoral em que se apresentava como uma negação às políticas econômicas de seus adversários.

Acontece que, na realidade, as transformações propostas por FHC, não produziram resultado esperado e, diante disso, o PT desenvolveu sua capacidade de aglutinar interesses ao apaziguar um pouco a radicalidade discursiva que sempre lhe foi marca para se apresentar enquanto uma alternativa ao quadro de estagnação gerado no governo de seu adversário. No entanto, ironicamente, tal “guinada” que garantiu sua ascensão à presidência também provocou o surgimento das primeiras críticas que irão caracterizar o Partido dos Trabalhadores como “neoliberal”.

Isto posto, durante o segundo capítulo, poderemos observar que a literatura que aborda o tema é variada e, por ter sido elaborada na época em que se deu a chegada de Lula ao poder, pode ser entendida como textos analíticos e não teóricos, fato que nos fez toma-la como fontes secundárias. A temática abordada é ampla, mas todos tiveram o intuito de desenvolver o conceito de “neoliberalismo” dentro das políticas petistas. Em seguida, poderemos entender melhor a relação negativa que o PT carrega com o “neoliberalismo”, mediante uma leitura acerca de sua cultura política e as condições que confluíram para a gênese da sigla. Além de observarmos a relação entre as críticas ao “neoliberalismo” e uma leitura equivocada sobre o conceito. O “neoliberalismo”, ao invés de repousar sua significação sob as ideias que lhe deram

origem, acabou sendo ligado as políticas adotadas por Pinochet no Chile. Isto explica como tais apreciações foram, posto isto, concebidas como negativas ao partido. Tendo em vista a origem operária da sigla, uma guinada ao “neoliberalismo” representaria uma desvinculação ao passado combativo do PT. O fator da visão crítica das análises do “neoliberalismo” repercutia que o PT seria um partido redundante – aqui, no caso, lê-se uma possível repetição de políticas do PSDB –, que nada novo foi proposto, somente um continuísmo político.

Por conseguinte, no último capítulo, como resultado, e conforme a noção de conceitos antitéticos assimétricos – leitura desenvolvida por Koselleck em sua obra *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*¹ –, defenderemos que o “neoliberalismo” petista teria se afirmado excluindo uma agenda mais progressista em relação à condução da sociedade,² mas, o mais sensível ao trabalho foi que o conceito “neoliberal” empregado ao PT naquele momento, anulava a possibilidade de o partido se apresentar como novidade política. Em um cenário onde a sigla se fortaleceu em torno do discurso do novo em oposição ao velho, ao ser acusado de “neoliberal”, o PT foi colocado no mesmo nível das siglas que combatia nos anos 90. Assim, o “neoliberalismo” não só definia o que o PT era, como também o proibia de ser aquilo que dizia ser.

Consequentemente, a legenda não ficou apática diante de tal situação. Em resposta, foram diversos os textos que, em negação à pecha “neoliberal”, apontaram para um caráter “neodesenvolvimentista” do partido, desvinculando a sigla de quaisquer noções que negassem a luta em prol da classe operária. E esse fator nos é importante, posto que, segundo defendemos, demonstra o seu caráter de defesa e tentativa de desatrelamento do partido para com o “neoliberalismo”. Por fim, a expansão da ideia do PT como sigla “neodesenvolvimentista” está, antes de tudo, ligado pela tentativa de manter o partido atrelado a suas raízes históricas.

Assim, para a execução deste trabalho, é importante que a observação desse movimento petista em perspectiva histórica requer que nos debruçemos em alguns documentos desenvolvidos pela própria sigla. Estes documentos serão nossas fontes, sendo que as análises das mesmas deverão nos indicar a relação da legenda com o “neoliberalismo”. Primeiro,

¹KOSELLECK, Reinhart, 1923-2006. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos** / Reinhart Koselleck; tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin.- Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. – A ideia que Koselleck apresenta é de um conceito que se define pela negação a outro. Assim, algo só existe como antagônico ao outro.

²Por exemplo, não houve, durante o governo Lula, ações em prol da reforma agrária, ou do fortalecimento da autonomia sindical, dessa forma, tais elementos, que outrora faziam parte de uma agenda progressista do partido, não ganharam vida com a vitória petista. Sendo assim, alguns elementos históricos do partido foram afastados, ao mesmo tempo em que políticas neoliberais se fizeram presentes em algumas decisões de Lula. O “neoliberalismo”, para alguns pensadores, se afirmou, desta feita, pela exclusão de elementos progressistas.

teremos toda a gama de documentos tirados em Encontros e Congressos do PT antes da vitória de Lula, sendo possível termos uma visão mais lúcida de como o partido se posicionava diante de sua base e quais os temas tratados nesses espaços. Segundo, vamos analisar um importante documento escrito pelo ex-presidente Lula a altura das eleições de 2002: Carta ao povo brasileiro. Documento contraditório, foi destinado, apesar do nome, ao mercado financeiro, posto a preocupação dos atores econômicos com os discursos radicalizados ligados ao PT. A preocupação do mercado com o desalinhamento político que a vitória de Lula poderia produzir, gerou certa instabilidade. O documento, dessa forma, vem para trazer maior tranquilidade ao mercado, assim, Lula se compromete a respeitar os contratos e negócios que se estabeleceram no Brasil. A leitura deste documento parece-nos indicar a guinada do partido a um caminho diferente daquele que outrora o PT se propunha. Por último, um documento síntese, Brasil: 2003 a 2010. Texto de caráter conclusivo produzido pelo governo Lula, onde o texto almeja uma auto-avaliação da gestão ao longo dos dois mandatos. O estudo do documento é excessivamente repetitivo em sua forma, posto a exaustiva fórmula de comparar as gestões neoliberais com a de Lula, numa tentativa de reforçar a diferença entre o “neoliberalismo” fracassado e um novo modelo econômico com reiterado sucesso.

Conclusão

Como consequência da força discursiva na formação de sua base, o PT se consagrou na mentalidade coletiva como um importante partido da esquerda brasileira. A distópica visão de um PT “neoliberal”, tem base na própria ótica negativa que se construiu ao redor do conceito. Ideia que se propagou ao longo da implementação do “neoliberalismo” na América Latina.

O PT, historicamente, se posicionou contrário às ditaduras militares na América Latina, sendo antagônico, também, a ausência de uma democracia plena dentro da representatividade burguesa no cenário político. Concomitantemente, as ideias de Hayek e Friedman, de um aprofundamento nos princípios liberais, chegavam ao Chile durante a ditadura de Pinochet. A novidade de um Estado enxuto, até concatenavam com os pensamentos petistas à época (lembrando a vontade dos líderes do partido numa menor intervenção estatal nas negociações trabalhistas com o empregador), mas não se relacionavam quando o assunto era a participação popular em uma democracia plena. A ideia que foi se desenvolvendo quanto ao “neoliberalismo”, foi a de um Estado excludente, que dava mais liberdades econômicas como benefício ao patrão, dando autonomia para um mercado voltado ao lucro e não ao trabalhador. Um fundamentalismo de mercado que se isentava de políticas sociais. Um exemplo de propagação desta visão fundamentalista e de caráter antidemocrático do “neoliberalismo”, acontece num debate preparatório para o 7º Congresso Nacional do PT, com a fala de Marilena Chauí:

O neoliberalismo não é apenas uma mutação histórica do capitalismo. Ele é a nova forma do totalitarismo. Nós estamos acostumados a encarar o totalitarismo na figura de um líder de massas, o autocrata. Eles desapareceram. O discurso do ódio agora está sob controle do próprio sistema que rege esses governos [...] A eficácia desse novo totalitarismo é a sua invisibilidade.²⁶⁷

O “neoliberalismo” foi, então, excluído da mentalidade petista. O discurso do partido passa a ter como mote a representação política dos interesses da classe operária, englobando a luta contra os desmandos das ditaduras, pautando-se em sua luta pela democracia plena.

Quando, enfim, o PT vence as eleições de 2002, o discurso de representatividade da classe operária, já está mais amplo. O partido passou, como estratégia para ampliar sua base

²⁶⁷Agência PT. Marilena Chauí: neoliberalismo é a face oculta dos novos governos autoritários. 12/08/2019. Disponível em: <<https://pt.org.br/marilena-chaui-neoliberalismo-e-a-face-oculta-dos-novos-governos-autoritarios/>>. Acesso em: 19/08/2019.

eleitoral, a abarcar outras camadas da sociedade, incluindo a burguesia. Confundindo aqueles que acreditavam em um socialismo petista.

Como foi dito, o PT não podia ser “neoliberal”, e sua histórica base trabalhista e intelectual sempre acreditou nisso. A ação do partido, entretanto, deu um choque de realidade em uma parcela da intelectualidade da legenda. Acordos com instituições financeiras, reforma da previdência e a manutenção do tripé macroeconômico, parecem ter despertado as críticas ao partido. As apreciações sobre o PT, dessa forma, ganharam força de ofensa ao designarem a sigla como “neoliberal”.

Cabe aqui dizer que os signos e símbolos que construíram o “neoliberalismo” jamais fizeram parte do imaginário petista, e de repente, passam a ser aceitos como condições de governabilidade a um presidente com o maior número de votos da história do país. Estes elementos da prática “neoliberal” surgem, então, como alteração da realidade social e passam a ser o mote do partido. Dessa forma, acompanhar a transição do PT do radicalismo, para um PT consciente das possibilidades políticas, é observar um transformismo muito rápido das ideias que formaram a legenda, para aquelas que consolidaram Lula como um dos maiores presidentes da história do país, ao menos quando pensamos na popularidade do governo. E aí que entra a chave de explicação do porquê o não-alinhamento do partido ao “neoliberalismo”.

Ser “neoliberal” influía, então, em alguns pontos:

- A difícil aceitação em ser “neoliberal”; o conceito carrega consigo um teor pejorativo, como vimos, atrelado a sua aplicação na América Latina.
- Implica, dentro do contexto petista, na aplicação de um continuísmo político com a agenda de FHC. Sendo um dos discursos que fortaleceu o PT nas eleições, o de representar a mudança.
- Uma desvinculação do partido com sua base e bandeiras históricas, colocando a prova, justamente o sentido político que deu luz a sigla.
- A impossibilidade da aplicação de uma agenda “neoliberal” como políticas de desenvolvimento da nação, uma vez, que só contempla a atuação de atores financeiros. Os anseios burgueses em detrimento da classe operária.

Diante deste cenário, o PT viu nascer uma contra crítica. Como respostas as resoluções que se propagavam, e sincronicamente ao crescimento econômico, viu-se facilitada o surgimento de um “neodesenvolvimentismo petista”, conceito que se difere do “neodesenvolvimentismo” teorizado por alguns economistas, e que só possui aplicação dentro do lulismo. O tema que se priorizava foi a do emprego de uma agenda capitalista, mas com intensa participação do Estado no campo social. Justamente o contrário do “neoliberalismo”.

Como podemos observar nestas entrevistas do ex-presidente Lula, o dogma “neoliberal” teria sido superado nos governos petistas:

Adotámos um novo modelo de desenvolvimento baseado na distribuição do rendimento e na inclusão social. O Brasil libertou-se do absurdo dogma neoliberal de que é impossível crescer ao mesmo tempo que se distribui riqueza. Fizemos justamente isso, com políticas ativas de transferência de rendimento e subida do salário real. Foi o facto de 36 milhões de pessoas terem saído da pobreza e de 40 milhões terem ascendido à classe média que fez aumentar a faturação das empresas produtivas e dos bancos. Nestes dez anos, todos os sectores da sociedade brasileira tiveram aumento de rendimento, mas o dos mais pobres cresceu o triplo dos mais ricos.²⁶⁸

Ou quando perguntado sobre se o PT teria propagado o “neoliberalismo”, Lula responde:

[...] eu comecei dizendo que o grande problema do PT não foram os erros do PT, o grande problema do PT foram os acertos do PT. Ou seja, na América Latina, toda vez que apareceu um presidente que tentou fazer política social, ele foi derrubado, todas as vezes. A elite brasileira e a elite de outros países não aceitam uma política de desenvolvimento que tem inclusão social. Então, o PT conseguiu fazer – isso não é dito por mim, é dito pela ONU – o PT conseguiu fazer a maior política de inclusão social da história deste país. É importante lembrar que o nosso governo foi o único momento na história em que os mais pobres tiveram um crescimento percentual acima dos mais ricos.²⁶⁹

O “neodesenvolvimentismo” foi, então, facilmente assimilado ao PT, a ligação do partido a um conceito tão voltado à participação popular na política era muito mais tragável que o PT voltado ao mercado. O lema do partido tornou-se esse: crescimento económico com equidade social, ou “Brasil: um país de todos”. A representação política de uma democracia plena, voltada a todas as classes, onde todos teriam voz e se sentiram representados.

Assim, o conceito funciona como antítese ao “neoliberalismo”: o social como motor do desenvolvimento da economia. E como projeto de desenvolvimento, carrega consigo o histórico do crescimento durante o lulismo, ao contrário do “neoliberalismo” no Brasil. A utilização lexical do termo “neodesenvolvimentismo”, então, é menos importante do que os signos que carrega, uma vez que, o imaginário petista o consolidou como negação ao “neoliberalismo” e se fortaleceu diante ao esforço de uma coletividade intelectual que assumiram o importante papel de formadores da opinião pública.

²⁶⁸ TREFAUT, Maria da Paz. Fala, Lula: "nos libertamos do dogma “neoliberal”". 24/10/2013. Entrevista concedida ao jornal português “Expresso”, reproduzida por “Brasil 247”. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/poder/fala-lula-nos-libertamos-do-dogma-”neoliberal”>>. Acesso em: 19/08/2019.

²⁶⁹ GREENWALD, Glenn. Glenn Greenwald entrevista Lula: ‘Bolsonaro é a velha política, eu sou a nova’. 21/05/2019. The Intercept Brasil. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/05/21/greenwald-entrevista-lula-bolsonaro-nova-politica/>>. Acesso em: 19/08/2019.

O PT construiu e alicerçou sua base política nas greves trabalhistas, na luta contra os desmandos patronais e como alternativa à democracia burguesa. Contudo, o partido se consolida como aquele que ampliou o acesso ao consumo, introduziu milhões de jovens às universidades e retirou o Brasil do mapa da fome, por meio de práticas lidas à época como “neoliberais”. Estes dois polos são distintos no imaginário petista, uma vez que o partido age como uma instituição que se alinhou a um discurso anti-neoliberalismo. A fortalecimento da ideia de um PT “neoliberal” é impensável a toda uma base eleitoral que sustenta a sigla.

O Partido, dessa forma, quis unir estes polos em uma só linha de pensamento, contudo, sem se retirar do núcleo da esquerda brasileira e, ao mesmo tempo, que este núcleo aceite a ideia por trás do desenvolvimento econômico proposto, além de não conduzir a classe trabalhadora – em pleno crescimento durante o lulismo – a amantes do “neoliberalismo”.

Assim, nasce o “neodesenvolvimentismo”, uma forma branda de capitalismo – se é que há isso -. O “neodesenvolvimentismo” lulista nos apresenta um olhar mais simplista das relações políticas. Nele há uma redução do “neoliberalismo”, entendido, naquele cenário, como simples ações que se afastam do que se praticava no lulismo. No PT, o inferno são os outros, as práticas “neoliberais” só existem em outros governos. Há nas ações do governo Lula, aquilo que não havia no governo FHC e vice-versa. O PT, dessa maneira, reforça o problema de memória que se construiu ao redor do “neoliberalismo”. Vê o conceito como aquele que foi desenvolvido durante a ditadura de Pinochet, sem perceber que, ao mesmo tempo, que tentava se esquivar da alcunha que caracterizavam aspectos econômicos do governo chileno, agia como propagador do verdadeiro “neoliberalismo” da Escola de Freiburg, por meio de suas políticas sociais e uma maior intervenção do Estado na economia. No fim, apareceu como tarefa ao PT, atar as duas pontas da vida: a infância como catalisador das lutas operárias e a fase adulta “neoliberal”. Culminando em um conceito antitético-assimétrico: “neodesenvolvimentismo”.

Referências Bibliográficas.

AGACINO, Rafael. **Hegemonía y contra hegemonía en una contrarrevolución neoliberal madura**. La izquierda desconfiada en el Chile post-Pinochet, Documento de trabajo (Buenos Aires: CLACSO). 2006. En <www.plataforma-nexos.cl>.

Agência PT. Marilena Chauí: neoliberalismo é a face oculta dos novos governos autoritários. 12/08/2019. Disponível em: <<https://pt.org.br/marilena-chaui-neoliberalismo-e-a-face-oculta-dos-novos-governos-autoritarios/>>.

AGGIO, Alberto. **A cultura política do petismo**. Gramsci e o Brasil. Dezembro, 2004. Disponível em: <<https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=410>>

ALDÉ, Alessandra. As eleições presidenciais de 2002 nos jornais. **ALCEU** - v.3 - n.6 - p. 93 a 121 - jan./jun. 2003.

ANDERSON, Perry. O balanço do neoliberalismo. In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

ANGELO, Vitor A. de. **A trajetória da Democracia Socialista**: da fundação ao PT. / Vitor Amorim de Angelo. – São Carlos: EdUFSCar, 2008. 198p.

ARAÚJO, Elizeu Serra. As reformas da previdência de FHC e Lula e o sistema brasileiro de proteção social. **Rev. Pol. Públ.** São Luís, v. 13, n. 1, p. 31-41, jan./jun. 2009.

ARDITI, Benjamín. El populismo como periferia interna de la política democrática. In.: **El populismo como espejo de la democracia** / compilación a cargo de Francisco Panizza – 1ª ed. – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

BALBACHEVSKY, Elizabeth. HOLZHACKER, Denilde. Classe, ideologia e política: uma interpretação dos resultados das eleições de 2002 e 2006. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 13, nº2, Novembro, 2007, p. 283-306.

BANDEIRA, Luiz Alberto M. As políticas neoliberais e a crise na América do Sul. **Rev. Bras. Polít. Int.** 45 (2): 135-146 [2002].

BARROS, Thiago de Sousa; OLIVEIRA, Felício de. Crédito, consumo e endividamento: Uma Análise Econômica do Segundo Governo Lula (2007-2010). **Revista Espacios**. Vol. 35 (Nº 5) Ano 2014.

Brasil: 2003 a 2010. Brasília, DF, [2010].

BELLUZZO, Luiz G. (2009). “Um novo estado desenvolvimentista?”. **Le Monde Diplomatique Brasil**, ano 3, n.27, p. 4-5.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In.: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural** /direção de Jean-Pierre Rioux, Jean-François Sirinelli; tradução de Ana Moura. - Lisboa: Estampa, 1998. 432 p.

BETTO, frei, 1994- . **O que é comunidade eclesial de base** / frei Betto. – São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

BIELSCHOWSKY, Ricardo, 1949-. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. -4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BOAS, Taylor C., GANS-MORSE, Jordan. neoliberalism: From New Liberal Philosophy to Anti-Liberal Slogan. **Studies in Comparative International Development**. 44 (2). junho, 2009: 137–161.

BOFF, Leonardo, 1938- . **Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante** / Leonardo Boff. – Lisboa: Inquerito, c1981.

BOITO JR, Armando. A burguesia no Governo Lula. En publicación: **neoliberalismo y sectores dominantes**. Tendencias globales y experiencias nacionales. Basualdo, Eduardo M.; Arceo, Enrique. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Agosto 2006.

BOITO JR. Armando. **A hegemonia neoliberal no governo Lula**. Crítica Marxista, n.17, Rio de Janeiro, Editora Revan, 2003.

BOTELLA, Joan. Em torno al concepto de cultura política: dificultades y recursos. In.: **Cultura política: enfoques teóricos y análisis empíricos** /Editores Pilar Del Castillo e Ismael Crespo. - Valencia: Tirant lo Blanch, 1997. 278 p.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista** /Ruy Braga. - São Paulo: Boitempo, 2012.

BRAGA, Ruy. Terra em transe: o fim do lulismo e o retorno da luta de classes. In. **As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?** / organização André Singer, Isabel Loureiro. – 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A crise na América Latina: consenso de Washington ou crise fiscal?. **Pesq. Plan. Econ.**, Rio de Janeiro, v.21, n.1, p. 3-24, abril, 1991.

BRESSER-PEREIRA, Luiz C. Do antigo ao novo desenvolvimentismo na América Latina. **Textos para Discussão** – Escola de Economia de São Paulo - FGV, n. 274, nov. 2010.

BRESSER-PEREIRA, Luiz C. Reflexões sobre o Novo Desenvolvimentismo e o Desenvolvimentismo Clássico. **Revista de Economia Política**, vol. 36, nº 2 (143), pp. 237-265, abril-junho/2016.

BRITO, Alessandra Scalioni; FOGUEL, Miguel; KERSTENETZKY, Celia Lessa. “Afim, qual a contribuição da política de valorização do salário mínimo para a queda da desigualdade no Brasil? Uma estimativa para o período 1995-2013”. Texto para Discussão, **Cede**, n. 109, dez. 2015.

CANO, Wilson. SILVA, Ana Lúcia Gonçalves. Política Industrial do Governo Lula. **Texto para Discussão**. IE/UNICAMP, Campinas, n. 181, julho 2010.

CARDOSO, F.H. **Política e desenvolvimento em sociedades dependentes**: Ideologias do empresariado industrial argentino e brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

CARDOSO, F.H. & FALETTO, E. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

CARDOSO, F. H., WEFFORT, F. C., et al. **Estudos 1**: Sobre teoria e método em sociologia. São Paulo:Edições Cebrap – Editora brasileira de ciências Ltda, 1971.

CARREIRÃO, Yan. A eleição presidencial de 2002: uma análise preliminar do processo e dos resultados eleitorais. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 22, p. 179-194, jun. 2004.

CASTRO, Henrique C. de O. de. Cultura política: a tentativa de construção de um conceito adequado à América Latina. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Vol. 2, Nº 1, Janeiro-Junho (2008).

CASTRO, Jorge A. de; CARDOSO JR, José C. **Dimensionamento e análise das finanças sociais do governo federal**: 1995 a 2002. Brasília: Ipea, 2006. (Texto para Discussão, n. 1312).

CERRONI, Umberto, 1926. **Teoria do partido político** / Umberto Cerroni; tradução de Marco Aurélio Nogueira e Silvia Anette Kneip. – São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

CHARLOT, Jean. **Os Partidos políticos**. Trad. de Carlos Alberto Lamback. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

CIOFFI, Felipe. CONTI, Bruno De. OLIVEIRA, Giuliano C. de. Os fundos de pensão e o financiamento de longo prazo no Brasil: possibilidades e limites. **Revista Pesquisa & Debate**. São Paulo. Vol. 28. Número 1 (51). Jul. 2017. p. 19.

CUNHA, André. HAINES, Andrés. MALAGUTI, Mirelli. **A Argentina e o novo desenvolvimentismo**. 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/4731574_A_ARGENTINA_E_O_NOVO_DESENVOLVIMENTISMO>

Dicionário UNESP do português contemporâneo / organizador Francisco S. Borba e colaboradores. – São Paulo: UNESP, 2004.

DRAIBE, Sônia. A política social no período FHC e o sistema de proteção social. **Tempo Social** – USP, São Paulo, vol.15, no.2, Nov. 2003.

DRUCK, Graça. Os sindicatos, os Movimentos Sociais e o Governo Lula: Cooptação e Resistência. OSAL, **Observatório Social de América Latina**. no. 19. Jan./Abr. 2006. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2006.

DUVERGER, Maurice, 1917. **Os partidos políticos** / Maurice Duverger; tradução de Cristiano Monteiro Oiticica – Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

Economia brasileira no período 1987-2013: relatos e interpretações da análise de conjuntura no Ipea / organizador: Fernando José da S. P. Ribeiro; Estêvão Kopschitz Xavier Bastos ... [et al.]. – Brasília: IPEA, 2015.

ENGELMANN, Solange I. GIL, Aldo Duran. A questão agrária no Brasil: a política agrária do governo Lula e a relação com o MST. **Revista Eletrônica do CEMOP** - Nº 02 - setembro de 2012.

FERRAZ, Max B. Retomando o debate: a nova política industrial do governo Lula. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, v. 32, n. 2, 2009. p. 227-263. p. 241.

FIGUEIREDO, Marcus. Intenção de voto e propaganda política: Efeitos da propaganda eleitoral. **LOGOS 27: Mídia e democracia**. Ano 14, 2º semestre 2007.

FIGUEIREDO, Rubens; COUTINHO, Ciro. A eleição de 2002. **Opin. Pública**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 93-117, Out. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762003000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Jan. 2019.

FONSECA, Pedro C. D. Desenvolvimentismo: a Construção do Conceito. In: Calixtre, A. B.; Biancarelli, A. M.; Cintra, M. A. C. (Org.). **Presente e Futuro do Desenvolvimento Brasileiro**. Brasília: IPEA, 2014.

FRANK, Robert H. O outro Milton Friedman: o avô do Bolsa Família. **Mercado popular**. Disponível em: <<http://mercadopopular.org/economia/o-outro-milton-friedman-o-criador-do-bolsa-familia/>>, 06/07/2015. Tradução: Stefan Rotenberg.

FREITAS, Maria Cristina Penido de; NEGRÃO, Daniela Magalhães. A abertura financeira no governo FHC: impactos e consequências. **Economia e Sociedade**, Campinas, (17): 84 81-111, dez. 2001.

GALVÃO, Andréia. A reconfiguração do movimento sindical no governo Lula. **Revista Outubro**, n. 18, 1º sem. 2009.

GARCIA, Marco A. Esquerdas: rupturas e continuidades. In.: **Os anos 90: política e sociedade no Brasil** / Evelina Dagnino, (org.) – São Paulo: Brasiliense, 2004.

GIAMBIAGI, Fábio. 18 anos de política fiscal no Brasil: 1991/2008. **Econ. aplic.**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 535-580, OUTUBRO-DEZEMBRO, 2008.

GIAMBIAGI, Fábio. A política fiscal do governo Lula em perspectiva histórica: qual é o limite para o aumento do gasto público? **IPEA**, 2006. (Texto para Discussão, n.1169).

GIANNOTTI, J.A. Tráfico de Esperanças. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 26, p. 25-38, mar. 1990. Disponível em: <http://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/60/20080624_trafico_de_esperancas.pdf>. acesso em: 05 fev. 2018.

GÓES, Carlos. As raízes liberais do Bolsa Família. **Mercado popular**. Disponível em: <<http://mercadopopular.org/economia/as-raizes-liberais-do-bolsa-familia/>>, 04/11/2013.

GOMES, Ângela C. Brisola e o trabalhismo. **Anos 90**, Porto Alegre v. 11, n. 19/20, jan./dez. 2004.

GREMAUD, Amaury Patrick. **Economia brasileira contemporânea** / Amaury Patrick Gremaud, Marco Antonio Sandoval de Vasconcellos, Rudinei Toneto Jr. – 7.ed. – 6.reimpr. – São Paulo: Atlas, 2011.

IASI, Mauro Luis. **As metamorfoses da consciência de classe** (o PT entre a negação e o consentimento)/ Mauro Luis Iasi – 2ªed. – São Paulo: Expressão Popular, 2012.

IBRAHIM, José. **Perspectivas do novo sindicalismo**/ apresentação de José Ibrahim – São Paulo: Loyola/CEDAC, 1980.

KERSTENETZKY, CELIA LESSA. Consumo social e crescimento redistributivo: Notas para se pensar um modelo de crescimento para o Brasil. **Rev. Econ. Polit.**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 29-45, Mar. 2016.

KOSELLECK, Reinhart, 1923-2006. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos / Reinhart Koselleck; tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin.- Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LABORIE, Pierre. Memória e opinião. In.: **Cultura política, memória e historiografia.** / Orgs. Cecília Azevedo. [et. al.]. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. 544 p.

LEOPOLDI, Maria A., PRADO, Luiz C. O fim do desenvolvimentismo: o governo Sarney e a transição do modelo econômico brasileiro. In.: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de A. N. **O Brasil Republicano**, 5º vol. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018. No prelo.

LLERA, Francisco J. Enfoques en el estudio de la cultura política. In.: **Cultura política: enfoques teóricos y análisis empíricos** /Editores Pilar Del Castillo e Ismael Crespo. - Valencia: Tirant lo Blanch, 1997. 278 p.

MACHADO, Eliel. Governo Lula, neoliberalismo e lutas sociais. **Lutas Sociais**, n. 21/22, p. 23-34, 2009.

MACIEL, David. De Sarney a Collor: reformas políticas, democratização e crise (1985-1990). 2008. 387 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008. Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/MACIEL_David.pdf.

MAINWARING, Scott; TORCAL, Mariano. Teoria e institucionalização dos sistemas partidários após a terceira onda de democratização. **Opin. Pública**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 249-286, Out. 2005.

MARCONI, N.; BRANCHER, M. A política econômica do novo desenvolvimentismo. **Rev. Econ. Contemp.**, núm. esp., 2017. p. 1-31.

MARIANI, Édio João. A trajetória de implantação do neoliberalismo. **Revista Urutágua** - revista acadêmica multidisciplinar – Nº 13 – ago./set./out./nov. 2007.

MARQUES, Rosa Maria. MENDES, Áquilas. O governo Lula e a contra-reforma previdenciária. **São Paulo em perspectiva**, 18(3): 3-15, 2004.

MARQUES, Rosa Maria. MENDES, Áquilas. O Social no Governo Lula: a construção de um novo populismo em tempos de aplicação de uma agenda neoliberal. **Revista de Economia Política**, vol. 26, nº 1 (101), pp. 58-74 janeiro-março/2006.

MARQUES, Rosa Maria. MENDES, Áquilas. Servindo a dois senhores: as políticas sociais no governo Lula. **Rev. Katál.** Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 15-23. Jan/jun. 2007.

MARX, K. (1991), Manuscritos Econômicos Filosóficos e Outros Textos Escolhidos – Karl Marx, seleção de textos de José Arthur Giannotti, São Paulo, Nova Cultural (Coleção os Pensadores).

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Cultura política e lugares de memória. In.: **Cultura política, memória e historiografia.** / Orgs. Cecília Azevedo. [et. al.]. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. 544 p.

MICHELS, Robert. 1876-1936. **Sociologia dos Partidos políticos.** Trad. de Arthur Chaudon. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

MOISÉS, José A. Qual é a estratégia do Novo Sindicalismo? In.: MOISÉS, J. A. [et al.]. **Alternativas populares da democracia: Brasil, anos 80/ José Álvaro Moisés, [et al.].** – Petrópolis: Vozes; CEDEC, 1982.

MUELLER, Charles C. Agricultura, desenvolvimento agrário e o Governo Lula. **Revista de Política Agrária**, Ano XIV – Nº 2 – Abr./Maio/Jun. 2005.

NAKAHODO, Sidney N., SAVOIA, José R. A reforma da previdência no Brasil: Estudo comparativo dos governos Fernando Henrique Cardoso e Lula. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, Vol. 23 nº. 66 fevereiro/2008.

NETO, João Hallak. SABOIA, João. Salário mínimo e distribuição de renda no Brasil a partir dos anos 2000. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 27, n.1(62), p.265-285, abr. 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, 10 ed., 1993.

NUNES, Henrique. Há 16 anos, Lula lançava a “Carta ao Povo Brasileiro”. **Agência PT.** 22/06/2018. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/ha-16-anos-lula-lancava-a-carta-ao-povo-brasileiro/>>

OLAVARRÍA, Fernando Farías. VÁSQUEZ, Juan Saavedra. Construcción neoliberal de la política social chilena en el discurso de Pinochet. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 22-30, jan./jun. 2014.

OLIVA, Aloizio Mercadante. **As bases do novo desenvolvimentismo no Brasil: Uma análise do governo Lula (2003-2010)** / Aloizio Mercadante Oliva. 2010. 537f. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) Instituto de Economia – Campinas, SP: [s.n.], 2010.

OLIVEIRA, Francisco de. **O momento Lênin**. Novos Estudos, n. 75, Julho, 2006.

Partido dos Trabalhadores. Carta eleitoral: Carta-compromisso dos candidatos proporcionais e majoritários do Partido dos Trabalhadores. Disponível em: <http://csbh.fpabramo.org.br/uploads/cartaeleitoral.pdf> [p. 1].

Partido dos Trabalhadores, **Resoluções de Encontros e Congressos** / Organização: Diretório nacional do PT / Secretaria nacional de formação política e Fundação Perseu Abramo / Projeto memória. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

PAULANI, Leda Maria. Sem esperanças de ser país: o governo Lula, dezoito meses depois. In.: SICSÚ, João. PAULA, Luiz F. MICHEL, Renaut. **Novo-desenvolvimentismo: um projeto nacional de crescimento com equidade social** / organizadores: João Sicsú, Luiz Fernando de Paula e Renaut Michel. – Barueri: Manole; Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2005.

PERES, Paulo Sérgio. Comportamento ou instituições? A evolução histórica do neo-institucionalismo da ciência política. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 53-71, Out. 2008.

PINHEIRO, Armando Castelar. Privatização no Brasil: por que? Até onde? Até quando? **A economia brasileira nos anos**, v. 90, n. 1, p. 147-182, 1999.

POCHMANN, Marcio. Políticas sociais e padrão de mudanças no Brasil durante o governo Lula. **SER Social**, Brasília, v.13, n.28, p. 12-40, jan./jun. 2011.

REMOND, René. Uma história presente. In.: REMOND, René (dir.). **Por uma história política**; tradução Dora Rocha. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RICCI, Rudá, 1962 -. **Lulismo: da era dos movimentos sociais à ascensão da nova classe média brasileira** / Rudá Ricci.- Brasília: Fundação Astrojildo Pereiro; Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

RODRIGUES, Célia de C. PÉREZ-NEBRA, Amália R. A mudança na imagem do presidente Lula nas campanhas eleitorais à Presidência da República. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 12, jul./dez. 2007.

ROMANO, Clayton Cardoso. **Do ABC ao Planalto: a cultura política do petismo** /Clayton Cardoso Romano. - Franca: [s.n.], 2008, 170 f.;

RUBIM, Antônio Albino C. **Cultura política na eleição de 2002: As estratégias de Lula presidente**. Trabalho apresentado no 12º Encontro Anual da Compós, Recife, 3 a 6 de junho de 2003.

SALLUM JR., Brasílio; CASARQUES, Guilherme Stolle Paixão e. **O impeachment do presidente Collor: a literatura e o processo**. Lua Nova, São Paulo, n. 82, p. 163-200, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452011000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Fev. 2018.

SALLUM JR. B. & KUGELMAS, E. 2004. Sobre o modo Lula de governar. In: SALLUM JR. B. (org.). Brasil e Argentina hoje: política e economia. **Bauru: USC**. p.266.

SANTANA, Mateus Ubirajara Silva. **Fundos de pensão e estratégia de desenvolvimento nos governos do PT**, 2017. 146f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. p. 105.

SARTORI, Giovanni, 1924-. **Partidos e sistemas partidários** / Giovanni Sartori; tradução de Waltensir Dutra; apresentação à edição brasileira do Profº David Fleischer.- Ed. Brasileira ver. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

SECCO, Lincoln. **História do PT: 1978-2010** / Lincoln Secco. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

SEILER, Daniel- Louis. **Os partidos políticos** / Daniel-Louis Seiler; tradução de Renata Maria Pereira Cordeiro. – Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 2000.

SILVA, José Alderir da. O crescimento e a desaceleração da economia brasileira (2003-2014) na perspectiva dos regimes de demanda neokaleckianos. **Revista da sociedade brasileira de economia política**. 44 / junho 2016 – setembro 2016.

SILVA, Luiz Inácio da. **Carta ao povo brasileiro**. São Paulo, SP, 2002. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/uploads/cartaaopovobrasileiro.pdf>>. Acesso em: 22/03/16.

SINGER, André. **O PT**. São Paulo, SP: Publifolha, 2001.

SINGER, André Vitor. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador** / André Vitor Singer. – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SINGER, Paul. **Dominação e desigualdade**. Estrutura de classe e repartição da renda no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O batismo de fogo: A reforma “neoliberal” do governo Lula na previdência dos servidores públicos em um contexto de crise e restauração burguesa**. 2006. 199f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

TAVARES de A., Maria H. **Crise econômica e interesses organizados: o sindicalismo no Brasil dos anos 80**/ Maria Hermínia Tavares de Almeida. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 48.

TEIXEIRA, Rodrigo Alves; PINTO, Eduardo Costa. A economia política dos governos FHC, Lula e Dilma: dominância financeira, bloco no poder e desenvolvimento econômico. **Econ. soc.**, Campinas, v.21,n.spe,p.909-941,Dec.2012.

TOLEDO, Caio N. As esquerdas e a redescoberta da democracia. In.: **Os anos 90: política e sociedade no Brasil** / Evelina Dagnino, (org.) – São Paulo: Brasiliense, 2004.

VENCESLAU, P. T. Entrevista com o General Apolônio de Carvalho. **Teoria e Debate**, São Paulo, n.6, abr./mai./jun. 1989.

VIANNA, Luiz Werneck. **A modernização sem o moderno**: análises de conjuntura na era Lula. / Luiz Werneck Vianna: Brasília: Fundação Astrojildo Pereira; coedição – Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

VIANNA, Luiz Werneck, 1938-. **Esquerda brasileira e tradição republicana**: estudos de conjuntura sobre a era FHC-Lula / Luiz Werneck Vianna. – Rio de Janeiro: Revan, 2006.